

RAFAEL CHIRBES

PARIS-AUSTERLITZ

*tradução*

RUI PIRES CABRAL

ASSÍRIO & ALVIM

Brincava, metia-me com ele, ria-me enquanto caminhávamos pela vereda de gravilha. Prestava-se ao jogo. Colaborava, evocando episódios divertidos que tínhamos vivido juntos. Animavam-se-lhe as curtas passadas de velho. Nessas tardes em que ia visitá-lo ao Hôpital Saint-Louis tinha a impressão de que a ferida causada pelos nossos desencontros começava a cicatrizar (*maintenant, on s'aime comme des bons amis*) e que o próprio curso da doença se suspendia. Um halo inócuo flutuava entre os raios de sol invernal que saboreávamos, sentados num dos bancos do jardim. Mas, no momento da despedida, estacava diante da porta e cravava no vazio aqueles olhos amarelados que se lhe enchiam de água, e sabíamos ambos que a trégua tinha terminado: nem o mal renunciava ao seu trabalho, nem as minhas visitas lhe proporcionavam qualquer consolo. Dizia-me a sua amiga Jeanine: sofre quando te vê, trazes-lhe recordações, deitas sal na ferida. Saía dali sem olhar para trás e parava num dos bares da République para beber dois ou três *calvados*.



À noite, já tarde, passava pelo bar dos marroquinos. Tinha-o frequentado com ele. Agora, porém, Michel já não se encontrava entre os poucos clientes que ainda bebiam àquelas horas. Tinha-se mudado para uma cidade paralela. Da minha cozinha via o pátio mal iluminado e, ao fundo, mergulhada nas sombras, a janela do quarto que tínhamos partilhado. Procurava não pensar nele, deitado a essa hora no quarto de hospital, de cateter espetado nas costas da mão e máscara de oxigénio a cobrir-lhe o rosto. Apesar dos sedativos que lhe davam — ou talvez por causa deles —, Michel tinha pesadelos. Dizia que o amarravam à cama e o obrigavam a ver coisas terríveis num ecrã que lhe instalavam no quarto durante a noite. Sofria alucinações. Que coisas lhe poderiam mostrar, se, ao mesmo tempo, ele se queixava de que já mal conseguia ver? Mas, quanto a ser amarrado à cama, sempre suspeitei de que houvesse alguma verdade nas suas queixas. Imagino que — sobretudo no início — não terá sido fácil controlar os seus acessos de fúria; além disso, muitos enfermeiros tratam os doentes da peste com um misto de repugnância, crueldade e desprezo. O misterioso comportamento do mal, a sua ferocidade, perturba-nos a todos. Assusta-nos.

Ninguém me dirigia a palavra, apesar dos meus esforços para meter conversa. Olhavam-me com desconfiança, talvez porque — e embora nas idas ao bar eu usasse sempre calças de ganga e blusão de cabedal ou anoraque — me vissem durante o dia a atravessar a rua

depois do trabalho, ou na fila da padaria e da mercearia, envergando um impecável sobretudo de fazenda azul, *blazer* e gravata; não gostavam particularmente de ver entrar no bar um tipo que falava um francês aprendido no Lycée Français de Madrid, com a ajuda de professores nativos, e aperfeiçoado em colégios de Bordéus e Lausana. Estavam convencidos de que era um polícia do departamento de estupefacientes, ou da brigada de imigração; um indiscreto que andava por ali a cheirar, à procura das porcarias que pudessem ter escondido; na melhor das hipóteses, um jornalista ou coisa do género, um tipo que nada tinha que ver com o mundo deles, ou — pior ainda — que pertencia a um mundo em conflito com o deles. Naquele bar discreto e pouco acolhedor, que passava despercebido à maioria dos moradores do bairro porque ficava numa estreita viela lateral, traficava-se, consumia-se, comprava-se e vendia-se cocaína e haxixe, carne humana de todos os sexos e idades e mão de obra ilegal para todo o tipo de serviços. Era, pois, forçoso que se perguntassem o que fazia eu ali, naqueles sombrios labirintos onde Michel costumava perder-se alguns meses antes. O rapaz bem vestido que namora com Michel, o operário bêbado. O rapaz que Michel fode. E ao qual paga pelo serviço, certamente, pois é um desses ricos viciosos que se excitam com os marginais. Há tipos assim. Vagueiam pelos túneis do metro, pelos molhes do rio. Boa parte do santoral católico alimenta-se desse tipo de pervertidos. Excitam-se com a pobreza alheia, procuram um vestígio da energia subjacente em que se consumou a derrota e querem sorvê-lo, apropriar-se desse fulgor: uma caridade corrompida. Embora imagine que os clientes do bar encontrassem uma explicação bastante mais simples para o caso: eu era apenas o chibo que se colara a Michel para os espiar.

Tinham presenciado as ocasiões em que eu o agarrava pelo braço e o levava mais ou menos de rastos porque caía e dizia impertinências aos clientes e aos empregados. Contudo, a ele nunca o olhavam com desconfiança, toleravam-lhe as bebedeiras, respondiam às suas imprecações com dichotes e tiradas de duplo sentido: que se passa, Michel, precisas de companhia esta noite? Anda daí comigo, conheço um certo bombeiro, anda, apresento-to, e Michel ria-se, dava uma palmada no cachaco do zombeteiro, beijava-o na cara, e saíam juntos para qualquer lado. Outras vezes o patrão do bar, ou os empregados, deixavam-no ficar de cotovelos fincados no tampo da mesa depois da hora do fecho, bêbado ou já a dormir, e os últimos clientes acordavam-no, convidavam-no a ir com eles beber mais uns copos — ou fazer fosse o que fosse — noutra sítio, a perder-se entre as sombras do Bois, ou em casa de algum deles. Julgo que no mundo da noite há um respeito — ou mesmo uma certa admiração — pelo homem maduro que faz noitadas e engates, que se droga e embebeda como se ainda tivesse vinte anos. Toleravam a Michel tudo o que, vindo de qualquer outro, os irritaria e levaria a reagir com dureza ou mesmo violência. Quem não o conhecesse podia ser levado a pensar que fazia parte do grupo dos gorilas; que era um desses que ganhavam uns copos extra para agarrarem pelos ombros e arrastarem até à porta de saída qualquer imbecil que arranjasse problemas com o empregado ou o cliente da mesa vizinha. Apesar da idade, mantinha uma corpulência que transmitia uma impressão de força, mais do que de decadência.

Mas Michel não fazia parte do grupo dos gorilas. Desprezava-os. Movia-se à margem, cumprimentavam-no com um certo respeito, mas passava pelo meio deles como aquela personagem do cinema francês dos anos 50, Garou-Garou, que atravessava paredes. Nem sequer gozava de um estatuto especial — de carne poderosa,

temida ou desejada, ou coisa assim —, como a dada altura cheguei a pensar, suponho que espicaçado pelos ciúmes. Simplesmente, Michel não era rico, nem cúmplice da polícia, nem jornalista: era apenas um deles. Todos aqui se conhecem uns aos outros, todos sabem o ramo de atividade uns dos outros, disse-me ele numa das primeiras vezes em que me levou ao bar, pouco depois de nos conhecermos. A ti o ambiente parece-te pouco elegante, e até perigoso, sim, assusta-te, chamas-lhe *louche*. E ria-se: *Monsieur ne les trouve pas à la hauteur*, mas é o meu mundo. Daqueles que são como tu nada tens a temer, e também não lhes fazes mal, sabes proteger-te deles e, de certa forma, protege-los também: fodes com eles e pronto.

E, contudo, ninguém me perguntou por ele quando deixou de frequentar o bar. Bebia conosco e deixou de aparecer: numa frase deste estilo podia resumir-se a ideia (digamos assim) daqueles indiferentes bebedores. Vincennes é, na aparência, um tranquilo bairro de operários remediados, vizinhos de terceira ou quarta geração, reformados que vivem do que descontaram ao longo de décadas de trabalho; e, no topo da pirâmide, uma burguesia que se supõe bem instalada e cujos elegantes membros — o rotundo cavalheiro de chapéu de feltro e lacinho, a imponente matrona ou a *petite vieille recroquevillée*, de vestido *Dior* e maquilhagem *Chanel* (ou vice-versa) — cumprimentam pomposamente padeiros, merceiros, queijeiros e empregados bancários. Porém, quando se conhece o bairro como eu cheguei a conhecê-lo durante estes últimos meses, descobrem-se, discretamente ocultas, não poucas zonas de sombra: bolsas de miséria concentradas em águas-furtadas e pátios que ou-

trora foram armazéns, currais e oficinas, e cujo espaço foi duvidosamente dividido em compartimentos onde se acotovelam famílias asiáticas ou norte-africanas, reformados falidos que se veem aflitos para pagar a conta da luz, gente que vive no fio da navalha e acaba por ser engolida pelas sombras sem que ninguém lhe sinta a falta. Michel: *Paris c'est comme ça, chacun pour soi*. As pessoas em fuga para cima constituem a exceção: refiro-me aos que ascendem na pirâmide social e se mudam para zonas mais valorizadas da cidade, condomínios da zona oeste, apartamentos remodelados no centro. Alguns haverá, não digo que não (estive a pontos de ser um deles), mas a maioria dos desaparecidos são tipos em queda livre, despejados de quartos sem janelas ou com uma única janela que dá para um saguão e com casa de banho comum no patamar, gente que depois se perde em lugares miseráveis da *banlieue*, ou nos corredores do metro. Assim — com uma só janela virada para o húmido pátio interior e casa de banho comum no patamar — era o apartamento de Michel. Não, exagero um pouco, o apartamento não era assim tão mau: a casa de banho ficava, é certo, ao cimo das escadas, no patamar, mas era de uso individual e as escadas não conduziam a nenhum outro apartamento: acima dessa espécie de anexo traseiro ficava apenas o telhado, no inverno frigorífico e fornalha no verão. À noite, das traseiras da minha casa, podia ver — sombra negra, olho vazado — a janela do seu quarto. Antes de dar entrada no hospital a título definitivo (houve três ou quatro internamentos prévios, para o tratarem de uma pneumonia), Michel confiou-me as chaves de casa e, durante as suas primeiras semanas de internamento, eu ia lá de vez em quando para regar as plantas, buscar alguma peça de roupa que ele me pedisse e recolher a correspondência: recibos, publicidade, extratos bancários.